

**Data:** 20.11.2021

**Título:** A culpa de as mulheres recusarem mais falar em público não é dos genes

**Pub:** **Expresso ECONOMIA**

**QuickCom**  
comunicação integrada

**Tipo:** Jornal Nacional Semanal

**Secção:** Destaque

**Pág:** 1;31

## OPINIÃO



A culpa de as mulheres recusarem  
mais falar em público não é dos genes

SANDRA MAXIMIANO E31

Área: 492cm<sup>2</sup>/ 18%

FOTO Titagem: 123.400

Cores: 4 Cores

ID: 7278127



## A CULPA NÃO É DOS GENES



FOTO GETTY IMAGES

**As mulheres recusam mais falar em público não porque têm menos capacidade de o fazer. São mais avessas ao risco, mais perfeccionistas, têm níveis de confiança menores e são mais altruístas, preferindo realizar tarefas que mais contribuam para o bem-estar social em prol daquelas que apenas dão satisfação individual**

Só esta semana, recebi três convites para integrar painéis em conferências não-académicas. Dois dos eventos irão ocorrer em poucos dias. Todos são em áreas das quais não sou especialista. A minha agenda está cheia e os dias acabam sempre com a sensação de que preciso de mais tempo ou de um clone. Cada vez que aceito um convite destes sinto que legitimo maus hábitos: a falta de planeamento português e os convites de última hora, achar-se que a profissão de economista serve para falar sobre qualquer assunto e aceitar-se como normal a não-compensação monetária das atividades intelectuais. Então, porque não dizer “não”? Porque sou mulher e carrego o peso de fazer o que apregoo. Durante anos tenho criticado a baixa representatividade feminina na esfera pública, um problema que resulta da conjugação do preconceito, discriminação, enviesamento a favor dos pares — o que faz com que homens convidem mais homens —, mas também porque as mulheres

rejeitam mais estes convites. As mulheres, em média, recusam mais frequentemente participar em debates públicos. Por um lado, devido a restrições familiares. Por muito que os homens realizem tarefas domésticas e até ocupem o mesmo tempo nestas que as mulheres, são elas que, em geral, assumem as tarefas do final da tarde, como ir buscar os filhos à escola ou preparar o jantar. Neste caso, a participação feminina em debates e conferências exige uma maior reorganização familiar do que se a participação for masculina. Segundo, as mulheres têm maior aversão em falar em público, e há estudos que o comprovam. Por exemplo, veja-se uma experiência de campo que teve lugar na Universidade de Calábria. Nesta experiência, participaram 525 estudantes, a quem foi dada a oportunidade de obter crédito extra. Para tal, estes teriam de resolver individualmente alguns exercícios e apresentar as soluções oralmente. Os alunos foram divididos aleatoriamente em

dois grupos de igual dimensão. Um grupo teria de apresentar os resultados apenas ao professor e o outro grupo em frente a toda a turma. Os alunos tiveram duas semanas para decidir se fariam ou não os exercícios. Os resultados mostram que 43% das mulheres do grupo cuja apresentação seria privada escolheram participar na atividade. Esta taxa reduziu-se drasticamente para 25% no grupo cuja apresentação seria pública. Quanto aos estudantes masculinos, a decisão de participar ou não nesta tarefa não difere estatisticamente consoante o tipo de apresentação. A participação masculina em ambos os casos foi de cerca de 38%. As mulheres recusam mais falar em público não porque têm menos capacidade de o fazer. Várias experiências têm mostrado que as mulheres são mais avessas ao risco, mais perfeccionistas, têm níveis de confiança menores, mesmo quando o desempenho é melhor que o masculino, e são mais altruístas, preferindo re-

Data: 20.11.2021

Titulo: A culpa de as mulheres recusarem mais falar em público não é dos genes

Pub: **Expresso ECONOMIA**

 **QuickCom**  
comunicação integrada

Tipo: Jornal Nacional Semanal

Secção: Destaque

Pág: 1;31

alizer tarefas que mais contribuam para o bem-estar social em prol daquelas que apenas dão satisfação individual. Participar num debate público pode dar satisfação a dois níveis. Por um lado, o reconhecimento público contribui para inflacionar o ego e a autoestima. Por outro, pode ganhar-se satisfação pela sensação de que se prestou um serviço público. As mulheres, em geral, privilegiam mais este segundo aspeto, e, por tal, é importante que sintam que estão a falar de um assunto que dominam e sobre o qual podem cientificamente contribuir. No entanto, desengane-se quem pense que estas diferenças são causadas pelo gene feminino ou por diferenças hormonais. Um projeto meu, em coautoria com investigadores de universidades norte-americanas e europeias, replicou, na Índia, várias experiências que estudam diferenças de género. As experiências foram realizadas em duas sociedades de Shillong, uma matriarcal (Khasi) e outra patriarcal (Karbi). Na

sociedade patriarcal, os resultados replicaram os observados no mundo ocidental. Na sociedade matriarcal, os resultados inverteram-se. As mulheres apresentaram menor aversão ao risco, maior disponibilidade para competir, liderar e negociar, mais confiança e menos altruísmo do que os homens. É preciso reconhecer que as características e preferências assumidas como femininas são, em larga medida, um produto da sociedade. Deixo, por isso, um pedido a quem organiza debates e conferências. Primeiro, que perceba que a diversidade de género só traz riqueza ao debate de opinião. Segundo, que perceba que para ter mais mulheres não são precisas cadeiras cor-de-rosa, mas mais planeamento e um conhecimento de quem são as especialistas nas diferentes áreas científicas. E se uma mulher recusar o convite, peçam-lhe para dizer dois nomes de outras.

Economista, professora do ISEG,  
Universidade de Lisboa



Area: 492cm<sup>2</sup>/ 18%

Tiragem: 123.400

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 7278127